

NASCIMENTO MORAES: POR UMA LITERATURA AFRO-MARANHENSE

NASCIMENTO MORAES: FOR AN AFRO-MARANHENSE LITERATURE

Patricia Cardoso³

RESUMO: José do Nascimento Moraes exerceu as mais diferentes atividades no mundo das letras maranhenses, tornando-se um intelectual importante e referenciado na história da literatura nacional. Sua origem humilde e negra, que chegaram ao ponto de matizar a sua vida, também são grandes balizadoras de sua carreira no que concerne à temática racial e ao seu posicionamento diante do cenário político-social que contextualizava a sua produção. Com o intuito de divulgar cada vez mais a obra desse grande intelectual negro maranhense, o presente artigo tem o objetivo de analisar a trajetória intelectual e as obras desse escritor pensadas pelo viés da negritude e de seu envolvimento com a questão racial, percebendo-o como produtor de uma obra – literária e jornalística – que tem o Maranhão e a luta contra o preconceito racial como temas. Esse direcionamento constrói no campo intelectual uma literatura que é pujantemente negra, afro-brasileira e, sobretudo, afro-maranhense.

Palavras-chave: Nascimento Moraes; Literatura maranhense; Questões raciais.

ABSTRACT: José do Nascimento Moraes carried out several different activities in the world of literature from Maranhão, becoming an important intellectual and a reference in the history of national literature. His humble black origin, a point that nuanced his life, is also a great mark of his career regarding to racial themes and to his positioning in the political-social scenario that contextualized his production. In order to increasingly publicize the work of this great black intellectual from Maranhão, this article aims to analyze the intellectual trajectory and works of this writer thought through the bias of blackness and his involvement with the racial issue, perceiving him as a producer of a work – literary and journalistic – that has Maranhão and the fight against racial prejudice as themes. This direction builds in the intellectual field a literature that is vigorously black, Afro-Brazilian and, above all, Afro-Maranhense.

Keywords: Nascimento Moraes; Literature from Maranhão; Racial issues.

1 INTRODUÇÃO

O dever de um artista é refletir os tempos.

Nina Simone

José do Nascimento Moraes foi jornalista, contista, ensaísta, romancista, poeta, crítico literário, professor, ou seja, exerceu muitos ofícios, tornando-se um grande intelectual

³ Doutoranda do Programa de Pós-graduação em Literatura/ Universidade Federal de Santa Catarina. Professora EBTT de Língua Portuguesa do Instituto Federal de Educação, Ciências e Tecnologia do Maranhão - Campus Santa Inês - MA. Membro do Núcleo de Estudos Afro-brasileiros e Indígenas do IFMA Santa Inês. Tem como linha de pesquisa os seguintes temas: História e Literatura, Literatura Maranhense, Intelectuais Maranhenses, Educação para as Relações Étnico-raciais.

negro maranhense no século XX. Nasceu em São Luís do Maranhão, em 19 de março de 1882, e faleceu em 21 de fevereiro de 1958 na mesma cidade. Era filho de Manoel do Nascimento Moraes, negro, analfabeto, sapateiro e ex-combatente da guerra do Paraguai, e de Maria Catarina Vitória, ex-escrava e feirante. Teve uma educação formal difícil, alcançando o curso preparatório para o Liceu Maranhense e uma passagem pela Academia Militar. Por esse motivo, grande parte dessa formação deveu-se ao seu autodidatismo. Tornou-se professor de Geografia do Liceu Maranhense e de Português e Geografia na Escola Normal, além de várias outras escolas particulares do Maranhão.

Desde muito jovem, colaborou em vários jornais, exercendo diferentes funções, como: *Diário de São Luís*, *A campanha*, *O Maranhão*, *A pátria*, *O jornal*, *A tribuna*, *A hora*, *Diário do Norte*, *O globo*, *Correio da tarde*, *A imprensa*, *Regeneração*, *Notícias*, *Diário do Maranhão*, *Atenas*, *Correio da manhã* e *O imparcial*. Teve como pseudônimos Braz Sereno, Sussuarana, João Sem Terra, Zé Maranhense, João Ventura, Valério Santiago e Junius Viactor. Suas obras publicadas são: *Puxos e repuxos* (1910), compilação de seus textos por ocasião da polêmica com Antônio Lobo; *Vencidos e degenerados* (1915), romance; *Neurose do medo* (1923), crítica política que analisa o governo de Raul Machado; *Os contos de Valério Santiago* (1972), publicação póstuma que reúne contos escritos na década de 1940 para a *Revista Atenas*, suplemento literário do jornal *O Imparcial*. Escreveu também folhetins, dentre os quais podemos contabilizar *Amor Original* e *Mestre André*, entre outros publicados no jornal *A campanha*.

Por toda essa produção e por sua atuação como homem público em diferentes instituições públicas maranhenses, servindo como instrumento de denúncias sociais, conquistou durante a sua longa carreira no campo intelectual maranhense amizades e inimizades. Por outro lado, escreveu seu nome nos anais das letras maranhenses no século XX e suas obras são um legado que refletem sobre a história da população negra no cenário maranhense.

Nesses termos, o presente artigo tem o objetivo de oferecer uma breve exposição de quem foi esse intelectual negro maranhense a partir do seu pertencimento racial e do seu engajamento em relação à questão racial. Esses fatores implicaram sua maneira de ser e, principalmente, as suas obras, construindo, inclusive, no campo literário, uma literatura negra, afro-brasileira, mas, sobretudo, afro-maranhense.

2 NASCIMENTO MORAES E O CAMPO INTELECTUAL MARANHENSE

O negro é sempre isto: ou tem talento
Ou não tem raciocínio e é peru;
Ou Patrocínio é, ou é jumento;
Ou Luiz Gama, ou tu. (GALLIZA, 1910, p. 2).

No dia 30 de julho de 1910, Nascimento Moraes, sob a alcunha de Valério Santiago, foi atacado no jornal *Pacotilha* por Galliza, o pseudônimo de Antônio Lobo, um intelectual festejado das primeiras décadas do século XX no Maranhão, fundador e patrono da Academia Maranhense de Letras. O poema constitui-se um dos episódios de uma polêmica travada por esses dois intelectuais em jornais maranhenses por alguns anos. Ambos os intelectuais polemizaram sobre vários assuntos, mas, nesse dia, a questão da negritude de Moraes foi usada como forma de insulto para atingi-lo, uma vez que a racionalidade, o discurso limpo e a argumentação inteligente não foram capazes de calar nesse intelectual. E o poema prossegue:

Sorte amiga e fiel não, não te arrima,
Não pode o dois-de-paus chegar ao ás
Tu quiseste galgar, marchar pr'a cima
E cresceste pr'a trás.

Contraria para ti a sorte avara,
Contraria e justa é, não há negá-lo:
Tu tens o progredir, meu Guanabara,
Do rabo do cavalo.

Dest'arte cada vez mais encolhido,
Tal qual na frigideira o bom torresmo,
Tu hás em breve de ficar sumido
E é dentro de ti mesmo.

Um caso nunca ouvi eu tão bonito
Nas histórias que ouvi de minha avó...
Vê só tu que fenômeno esquisito
Dois jumentos num só.

E os dois a escoucear, oh! que regalo
Para a gente que gosta dessas brigas!...
E em redor de ti só feito dois galos,
O aplauso das formigas...

Da Guanabara o fluxo e o refluxo

A ver p'ra trás crescer, alegre e rindo,
Fico logo atacado de defluxo,
Pois vou me advertindo.

Pois tu me xingar no teu Corsário,
Sobre mim derribar uns mil sonetos,
Desfiar todo dia um bom rosário
De teus fluxos... pretos.

Tudo isso fazer tu podes, tudo,
Mas ouve cá, escuta-me primeiro:
Não impingias de novo o tal canudo,
O monólogo imenso do tinteiro!...

A prevenção, porém, fazer-te quero agora
E com ela bem sei que te desbanco:
Si o publicares, meto-te a espora
E o relho cru, até ficares branco. (GALLIZA, 1910, p. 2).

Tal polémica ficou imortalizada nos jornais da época *Correio da tarde*, com a sustentação escrita do professor Nascimento Moraes contra os editoriais dos periódicos *Pacotilha* e do *Diário do Maranhão*, escritos por Antonio Lobo e seus dirigidos (inicialmente, Alfredo de Assis, Luís Viana; posteriormente, Correia de Araújo) – um grupo que se denominava *Sistema*. As argumentações de Moraes foram registradas em um livro cujo título é *Puxos e Repuxos*, publicado em 1910.

Ao longo da argumentação de Moraes, o que salta aos olhos é uma tentativa de contar outra história sobre a história do Maranhão que não seja a versão sustentada por Lobo em seu livro *Os novos atenienses*.

O livro *Os novos atenienses*, escrito por Lobo em 1908, tem o objetivo de servir de subsídio para a história da literatura maranhense, apresentando alguns intelectuais de sua época como a terceira geração da literatura maranhense, seguidores de uma tradição intelectual que começou com o Grupo Maranhense ou primeira geração d'“os atenienses”, responsáveis pela obtenção do título à São Luís de Atenas Brasileira. É um livro que funda uma historiografia literária de base, servindo de fortuna crítica para todos os outros pesquisadores da história do Maranhão posteriormente. No entanto, além disso, é um livro que autoinsere o próprio Lobo e alguns de seus coetâneos como parte dessa tradição literária, que queria ser mais europeia do que brasileira, como já evidenciava o próprio nome dos novos atenienses.

Logo, o grupo que fundou a Academia Maranhense foi identificado pela historiografia oficial maranhense como terceira geração da literatura maranhense, fazendo parte dessa geração autoidentificada por Lobo. Esse foi o literato mais referenciado desse momento, também fundador da academia, hoje chamada de Casa de Antônio Lobo. No seu livro, Lobo cita quatro momentos que influenciaram a criação desse ciclo literário. O primeiro seria o fim do periódico *Semanário Maranhense*, o qual, curiosamente, durou somente entre os anos de 1867 e 1868. Esse periódico servia para divulgar as produções dos grandes escritores do Maranhão, fazendo com que os intelectuais evadissem para fora do Maranhão e, a partir daí, enfrentassem uma “tristíssima e caliginosa noite”. Esse foi um período de marasmo e decadência cultural, responsável por transformar a Atenas em uma triste Babilônia de exílio (LOBO, 2008, p. 34 e 37).

O segundo seria a reunião de alguns estudantes liceístas da capital em torno do professor de Filosofia Manoel de Béthencourt. Esses estudantes, além de trocarem ideias, foram responsáveis pela criação de agremiações e periódicos que tentavam movimentar o cenário cultural da cidade, tendo, porém, malogrado, mesmo tendo inspirado muitos jovens. Um terceiro fato decisivo teria sido a passagem de Coelho Neto por São Luís, em 1899, por conta dos Festejos Comemorativos do Centenário de Descoberta e do encontro em cerimônia de Neto com Sousândrade.

Conforme Lobo, foi extremamente significativo para os jovens intelectuais daquela época o encontro entre dois escritores que marcaram as gerações literárias de mais sucesso até então, dando início à renascença literária empreendida no Maranhão. O quarto momento foi a chegada do jovem escritor português Fran Paxeco, responsável por dinamizar muitos cavacos literários e palestras, e incentivar os jovens que começavam suas carreiras jornalísticas, entre eles Astolfo Marques. Daí a criação da Oficina dos Novos e do periódico *Os novos*, que deu início ao forte sentimento de renascença literária, nutrindo a criação de outras agremiações literárias, periódicos e eventos culturais até a criação da Academia Maranhense de Letras (AML) com os seguintes fundadores: José Ribeiro do Amaral, Barbosa de Godóis, Clodoaldo Freitas, Domingos Barbosa, Corrêa de Araújo, Vieira da Silva, Costa Gomes, Maranhão Sobrinho, Astolfo Marques, Alfredo de Assis, I. Xavier de Cravalho, Godofredo Viana, Fran Paxeco e Antônio Lobo.

A narrativa de Lobo, muito bem encaixada e dotada de todo o seu poder de persuasão de quem fora um polemista poderoso, foi a primeira formulação acerca desse período da história literária maranhense. Essa história vai sendo retomada e completada pela crítica literária ao longo do século XX, em especial por mais três pensadores, que são Reis Carvalho (1912), Mário Meireles (1955) e Jomar Moraes (1976). Tais pensadores dividem a produção literária maranhense no século XIX em três grandes fases ou ciclos: a primeira da década de 1830 a 1868, chamada de Grupo Maranhense; a segunda de 1870 a 1890, chamada de Grupo dos Emigrados; e a terceira de 1890 até as duas primeiras décadas do século XX, chamada de Grupo Decadentista ou Os novos atenienses.

Dessas três gerações, as duas primeiras foram referenciadas nacionalmente, com nomes importantes, estabelecendo-se como literatos, sendo a primeira iniciadora de uma ideologia de singularidade maranhense, conforme palavras de Lacroix (2008), que é o título de Atenas Brasileira. Logo, o Maranhão tornou-se produtor de uma intelectualidade para o Brasil. Os novos atenienses usaram, de forma simbólica, essa invenção para se consagrarem enquanto ilustres nomes de seu tempo, continuadores de uma tradição, epígonos de um mito, segundo as palavras do professor Martins (2006).

No afã de realizar essa ressurreição cultural, esses intelectuais esbarraram em um contexto político, social e econômico, assim como em um cenário cultural instável que não permitia alcançar seus objetivos completamente, restando para a historiografia literária apenas o seu lado decadente, colocando-os sempre em comparação ao sucesso conseguido pelas gerações precedentes. Então, apesar de se dizerem os novos atenienses, o mito da Atenas não se manteve plenamente com eles.

Tentando construir narrativas mais sólidas sobre a vida literária maranhense, novos estudos têm enfrentado o peso dessas visões cristalizadas e têm problematizado a Atenas Brasileira, assim como a própria construção das gerações literárias maranhense ao longo de vários trabalhos a partir do século XXI. Dentre esses trabalhos, podemos mapear os seguintes: Alfredo de Almeida; Rossini Corrêa; Manoel de Jesus Martins; José Henrique Borralho; Ricardo Martins; Dorval do Nascimento, Cardoso (2013), entre outros.

Entretanto, é a argumentação de Nascimento Moraes, na pele de Valério Santiago, que primeiramente vai desmobilizando essa construção, desmentindo o trabalho historiográfico de Lobo acerca da história literária maranhense que a reconstrói como Atenas Brasileira. Para

Moraes (1910), Lobo mente ao colocar muitos intelectuais de grande valor sob o “véu do esquecimento”, de modo que ele próprio se sobressaísse, caindo por terra a ideia de que sua obra seria imparcial e justa, e desmentindo a ideia de Lobo sobre decadência cultural, uma vez que a produção literária nunca deixou de existir.

Para Moraes (1910, não paginado), o livro de Lobo seria autopromoção, estratégia de envaidecimento e autoconsagração:

O desejo que ele nutre em vão, de erguer-se como restaurador do nosso meio literário, não mede obstáculos, nem conhece peias! Lobo não pensa noutra cousa; vive para isso, pensa constantemente nisso, e para o conseguir sacrifica a verdade dos fatos, inventa, mente, e a cada passo se contraria.

E mais:

Lobo quer dar a entender que o renascimento literário do Maranhão se lhe deve porque foi ele quem promoveu festas ao nosso glorioso patricio Coelho Neto e quem aguentou o ‘mano’ [...]

Foi para demonstrar que a ele e o ‘mano’ o Maranhão deve o seu reerguimento literário. Lobo está convencido de que o Maranhão se reergueu! Que ele inventou aquela ‘noite caliginosa’ em cujas sombras deixou uma geração inteira! E isto – para subsídio da história do Maranhão!

Já é ter muita vontade de entrar de botas na posteridade. (MORAES, 1910, não paginado).

Vários fatos foram jogados sobre a mesa por Moraes: Coelho Neto não seria o responsável pelo reavivamento literário do Maranhão, pois já havia grandes talentos maranhenses como Manuel de Bethencourt e Sousândrade. Fran Paxeco não teria criado a Oficina dos Novos, mas sim João Quadros com a ajuda de seu irmão Costa Gomes, que foi o responsável pela ideia da criação do jornal *Os novos*; Fran Paxeco, ao contrário, teria sido o responsável pelo rompimento dos fundadores da agremiação literária supracitada, que teria tido o próprio Moraes como primeiro presidente.

A importância da Oficina dos Novos para o debate entre os dois se deve ao fato de que ela serviu de base para a criação da Academia Maranhense de Letras. Moraes o acusou de querer usar a oficina para ser o grande intelectual daquela geração, cujo intuito seria o de se tornar o primeiro presidente da Academia. No entanto, podemos comprovar pela discussão acima, e por outras que podemos conferir nos jornais supracitados, que o grande nome da Academia Maranhense de Letras era um grande racista que escancarava seu preconceito todos os dias nos periódicos da cidade de São Luís, a fim de atingir Nascimento Moraes. Várias amostras de injúrias raciais e de racismo explícito apareceram ao longo da polêmica e deram

demonstrações de como era a questão racial nessa sociedade, uma vez que Antonio Lobo não sofreu nenhuma represália, a não ser a resposta de seu próprio oponente.

Moraes não se abalava diante dos insultos racistas de Lobo, pois estava mais preocupado em discutir sobre literatura e história literária, mas abriu seu artigo do dia 01 de agosto de 1910 fazendo um parêntese para responder aos insultos que havia lhe feito:

Negro! Eis aí o insulto, a palavra com que eles pensam que nos esmagam, que nos reduzem a última expressão!

Que não diriam se fôssemos brancos da ilha, ou mesmo caboclo!

Negro! É o grito de terror, de medo e de ódio, é o grito do vencido, do nulo, do inabilitado que não pode discutir e nem sabe fazer o que todo mundo sabe - insultar!

Negro! Repetem tomados pela cólera, possuídos por uma idiota indignação!

[...]

Estamos satisfeitiíssimos com esta amostra que deram do seu elevado preparo e grandeza intelectual e moral!

Na verdade, é digno de nota, que um homem talentoso e de muito saber escreva versos ameaçando de chicote, relho crú, etc. o adversário!!!...

Nada mais edificante, magestoso e eloquente, para quem brilha como estrela de primeira grandeza literária, para quem guia espíritos de moços inexperiente que lhe seguem as lições!!!... (MORAES, 1910, não paginado).

Na passagem, Moraes deixou evidente o racismo de seu oponente em relação à sua grandeza moral, usando a ironia para colocar em xeque a figura de nobreza e liderança construída por Lobo. Além disso, mostrou o seu orgulho por ser Negro e ratificou que a sua negritude não o insultava. Da mesma forma, posicionou-se em outra ocasião:

Vejam a pequenez do espírito tacanho do homem! O homem tem mesmo raiva de negro! Onde ele vê um negro, vê desde logo um inimigo a combater! Fecham-se o espírito e a alma! Ele já disse uma vez que negro é moleque, e ele suporta um negro por ... excesso de civilização! [...]

Mas que professor e que jornalista republicano é Lobo! (MORAES, 1910, não paginado).

Contudo, a argumentação mais contundente sobre esse aspecto acontece quando apareceu no jornal *Pacotilha* um artigo intitulado *Moraes Imortal*, assinado por Correa de Araújo. Moraes afirmou que não se tratava do poeta Correia de Araújo, mas do próprio Lobo,

que escreveu sobre si mesmo e afirmou que pertencia à raça caucasiana, uma raça superior e gloriosa que desempenhou no mundo as conquistas mais nobres do espírito humano e que se tornou o orgulho dos homens modernos. Transcrevemos abaixo trechos da resposta a esse artigo em que, mais enfaticamente, Nascimento Moraes se manifesta sobre a questão racial:

[...]Nunca sustentamos polemicas pessoais na imprensa da terra, nem nunca escrevemos artigos ferindo a família de quem quer que seja.

Artigos políticos que nos têm saído da pena têm sido em favor de nossas opiniões. Ferindo o político e o partidário, jamais ferimos o homem[...]

Lobo escreveu que pertence a RAÇA CAUCASEA!

Que petulância!queaudacia!que respeitável coragem! [...]

Um TIPO DE RAÇA CAUCASEA NO MARANHÃO!!![...]

Lobo literato, Lobo “chefe de uma intelectualidade”, diz pea imprensa que só o branco é capaz das grandes empresas! Grita que só os brancos são superiores!

Nega, assim, o “colosso” toda uma história literária! Nega, na sua insonsciência os extraordinários monumentos da literatura e cultura brasileira!

Nega André Rebouças, Tobias Barreto, Basílio da Gama. Laurindo Rabello, Luiz Gama, Ferreira de Menezes, Carlos Gomes, José Maurício, José do Patrocínio, Gonçalves Dias, Guimarães Passos, João de Deus, do Redo, João Gronwell, Aluisio, Americo, Arthur Azevedo, Cruz e Sousa, Hemeterio dos Santos, Sergio Martinho, Joaquim e. do Nascimento. Hermenegildo A. da Encarnação, Euclides da Cunha, Eduardo Ribeiro, Th. Vaz, Jonas da Silva, José Verissimo, Indio do Brasil, Silvio Romero, Alves de Miranda e tantísimos outros que não podemos agora enumerar. Mas para achatar Lobo bastaria citar Gonçalves Dias, à custa de qum ele tem feito muitos discursos. Lobo terá perdido de todo a razão? Estarpa Lobo completamente desequilibrado para escrever que só é superior o “branco”? O Lobo caucaseo estará tomando gosto com a sociedade maranhense, com os homens cultos de nosso meio?

Nem os próprios brancos te louvarão a injustiça!

Há pouco tempo o Instituto Nacional de Música deu a um negro o primeiro prêmio de flauta, e logo o mandou aperfeiçoar os seus estudos na Europa.

Onde é que está, pois, a superioridade de raça do que fala Lobo caucaseo? Quem ensinou ao dr. Cutiuba semelhante tolice? Pois se o tipo mestiço presentemente em toda a parte tem dado extraordinário resultado!? (MORAES, 1910, não paginado)

Moraes prossegue na sua argumentação escrita falando em como a mestiçagem está presente no mundo e como ela traz riquezas para o mundo, sempre questionando a raça pura de Lobo. Essa passagem é interessante porque Moraes recupera toda uma intelectualidade

brasileira de origem negra e traz a discussão para o modo como o racismo foi construído irracionalmente, uma vez que todo brasileiro é mestiço.

Ambos os debatedores tinham comentários ásperos e desmoralizantes uns sobre os outros, mas é por meio de Moraes que acessamos uma nova versão sobre a história oficial do Maranhão, alcançando seu objetivo de prestar “um serviço à sociedade maranhense” (MORAES, 1910, não paginado). A polêmica terminou fisicamente nos jornais em 1910, sendo que ela encerra mais do que uma disputa entre dois intelectuais, mas a realidade racista do nosso país, que é histórica e estrutural. Questionamo-nos se Moraes sofria todo esse racismo publicamente nos jornais para a sociedade maranhense inteira ver, assim como ele vivenciou nos bastidores, quando não havia ninguém vendo?

Tudo isso lhe permitiu construir uma casca, uma armadura, que era a palavra. Nascimento foi dono sempre dessa voz forte e aguerrida. A sua crítica literária, em suas colunas nos diversos jornais maranhenses, não poupava a ninguém e mostrava o seu amplo conhecimento, mas também produzia um embate de ideias e incomodava os poderosos da época. Sobre isso, ele tinha consciência.

Estou a cercar-me de inimigos e nutrindo ódios contra mim mesmo! Que audácia a minha! Fazer crítica nesta terra de finíssimos brancos, de homens ilustres, de talentos incomparáveis, de Hércules que jamais hão de trocar a massa por uma roca de rainha Omphale!.

[...] por detrás, podem dizer tudo, até matar-me, como dizia Sócrates. Tudo o que tenho trago comigo, dizia Bias, aludindo à sua sabedoria, e eu o repito, para os meus detratores. (MORAES, 1903, p. 1).

Por ser pobre e negro, estabelecer-se como um intelectual já era difícil. Mais difícil ainda era se estabelecer como um intelectual que analisava as produções artísticas de outros literatos da época. Esse era um lugar impensado para o negro naquela época. Porém, foi assim Nascimento Moraes se estabeleceu, como um dos grandes intelectuais maranhenses do século XX.

Mesmo tendo uma elástica produção, só entrou para o grupo dos imortais da Academia Maranhense de Letras em 1935. Várias leituras podem ser feitas sobre esse hiato na carreira de Nascimento Moraes, que, mesmo tendo sido um dos fundadores da Oficina dos Novos, não figurou entre os fundadores da AML: a sua própria dissidência da Oficina, fazendo-o criar uma nova agremiação literária chamada *A renascença literária*, ou seja, a rivalidade que

foi criada com esse grupo fundador da AML, entre eles, o próprio Lobo; a sua prosa afiada também pode ter sido um motivo e, integrado a isso, o preconceito racial. Uma vez imortal, ocupou a cadeira 11, cujo patrono foi João Lisboa, e, por duas vezes, presidiu a instituição.

Enfim, Moraes conseguiu se firmar enquanto um intelectual, ultrapassando os obstáculos. A frase “Eu sou um lutador” colocada em seu busto na Praça do Pantheon é a melhor definição desse homem das letras do Maranhão, feita por ele mesmo, segundo Moraes (1977), já que essa frase era a síntese de sua vida. Para Martins (2006, p. 159), ele “[...] se impôs no concerto sociocultural maranhense de seu tempo após vencer, pela instrução formal, as barreiras sociais interpostas ao fato de ser ele originário de pais analfabetos, pobres e negros”.

3 O JORNALISTA

Na prosa jornalística, Moraes fez seu nome. Difícil dizer sobre o que ele não escreveu durante a sua jornada nas primeiras cinco décadas do século XX. Seu temário é grande, apresentando crítica literária, biografias, trabalhos de teoria literária, temas filosóficos, educação, política, denúncias sociais, cotidiano maranhense etc.

Ao longo de sua carreira, teve várias colunas diárias, como *Letras e Tipos*, no jornal *A Campanha*. Essas colunas lhe permitiu exercer a função de crítico literário, fazendo comentários das obras de vários escritores de diferentes regiões do Brasil, conhecidos e desconhecidos, vultos nacionais e internacionais, com uma escrita muito livre para críticas tanto positivas quanto negativas em relação a quem quer que fosse. Quando não estava dedicado aos livros publicados, escrevia textos sobre literatura em geral, enfatizando questões mais gerais, sobre Escolas literárias, e outras mais pontuais, como poesia moderna. Para ele, a poesia moderna devia romper com a forma romântica, devendo ser mais engajada, e falar do Brasil como realmente era (no artigo *Romantismo e Fetichismo*), não deixando se influenciar pela literatura portuguesa e/ou francesa, as quais, durante muito tempo, guiaram a literatura e prejudicaram o pensamento brasileiro, inclusive com influências nefastas como a de Bergson (*Bergson na Literatura Nacional*).

Para Moraes (1982), a literatura brasileira devia ser guiada por exemplos como *Os sertões* de Euclides da Cunha, os trabalhos de Alberto Rangel, de Oliveira Viana, que tratam acerca dos problemas brasileiros que advêm das más administrações do país (*Nos meandros da*

pátria). Na visão do intelectual, toda poesia tem uma missão popular a cumprir e essa missão é educacional. No artigo *A mais gentil e formosa educadora*, o articulista diz que a literatura é um grande veículo de educação, sendo a poesia a parte mais preciosa. A poesia exerce sobre o povo grande influência moral. Ele defendia uma *Literatura Revolucionária*, como a produzida por Sabbas da Costa e as narrativas de Beckman, que mostravam os heróis e os mocinhos, as virtudes e os defeitos, a história, a memória, as tradições da terra.

Aliás não tinha tema mais abordado por ele do que a educação. O seu ofício de professor estava presente em todos os outros que ele exercia. Falava do ensino das diversas disciplinas e como se efetivavam no Maranhão, falava sobre métodos e conteúdos a serem abordados em cada nível de ensino. O professor Nascimento, como era corriqueiramente chamado, acreditava no ensino público e em uma educação libertadora. Nascimento defendeu no artigo *O “Standorf Life”* uma escola pública que preparasse a mocidade e o povo brasileiro para se interessarem pela coisa pública. Portanto, a escola brasileira devia pôr em prática os princípios de Emile Durkheim, que ensina que o principal objetivo da educação moderna é fazer de um indivíduo uma personalidade autônoma.

Enfim, Nascimento concebe o ato de ensinar como transformador. Em *A margem do ensino*, fala de uma das profissões mais difíceis, que é ser professor, pela sua responsabilidade de levar o aluno a ler as palavras e o mundo em que ele vive (MORAES, 1982). Em certo momento, dedica um de seus poemas ao ofício que tanto amava:

Mestre
Ondula ao vento a barba alegremente branca
Que n'outros traduzira a vida em decadência
Mas que nelle, ainda forte, é a divina pendência
D'arte que a pouco e pouco a energia lhe arranca

Nunca a raiva impetuosa o riso bom lhe estanca,
Nunca o gênio da criança o levou a impaciência
Até quando o soffrer lhe atormenta a existência
Ondulava ao vento a barba alegremente branca.

Não raro, alguém que outrora lhe aprendeu as normas
Agora, moço, surge, em prol de outra theoria
Propagando do ensino extraordinárias formas

Senhores! A rotina a juventude immola!
E o mestre: muito bem! vendo a sabedoria
Desse rapaz gentil que ele guiou na escola. (MORAES, 1906, p. 2).

Outro assunto muito abordado é a política, desde a sua concepção até a realidade brasileira e maranhense. O descontentamento com a República estava presente em muitos textos. *Política convulsionada* expressa os sonhos advindos com a República, que se abateram, assim como os ex-revolucionários não defendiam mais os preceitos sociais e políticos que estavam dedicados, mas as suas próprias realizações, investindo contra o novo regime, lançando uma destruidora política convulsionada. Nesse caso, o articulista pondera: “O momento é, pois, de atenção e vigilância!/ Luz, muita luz nas moitas escuras das peitas inconfessáveis, e nas mestras sombras noturnas das rondas dos despeitados...” (MORAES, 1982, p. 130).

Em Liberdade! Liberdade!, esse mesmo sentimento é expressado com uma linguagem mais subjetiva, mostrando que, mesmo com os grandes fatos políticos ocorridos no Brasil, a população ainda aclamava pelo mesmo sentimento de Liberdade. Conforme o texto, Pedro I proclamou a independência do Brasil e se transformou em herói, pois, nessas festas, só se ouvia: “LIBERDADE! LIBERDADE!” Da mesma forma, Deodoro da Fonseca proclamou a República e, nas festas, só se ouvia: “LIBERDADE! LIBERDADE!”. A república não prestava, o presidente era um déspota e o povo sofria: “Acotovelam-se os críticos da República, lançando bombardas e pelouros ao regime./ E ouve-se, por toda parte, entre apóstrofes terríveis: LIBERDADE! LIBERDADE! LIBERDADE!” (MORAES, 1982, p. 185).

Mesmo frustrado e decepcionado, não se rendeu perante os males do novo regime, conclamando o povo para a luta. Em *Aos infiéis e Mentalidades Revolucionárias*, defende que as mentalidades estacionárias são prejudiciais à educação dos povos, avessas ao progresso e à civilização, devendo ser esmagadas. “Fujamos dos que só tem capacidade para censurar, para maldizer, para deprimir, para desmoralizar esta terra que é nossa, esta terra a que nos afeiçoamos, esta terra que é o túmulo de nossos pais e que é berço de nossos filhos” (MORAES, 1982, p. 137).

Apesar de ter uma visão crítica em relação à sua realidade, Moraes não abandonou a fé e a esperança no futuro, no porvir, na civilização e na razão, deixando transparecer o seu olhar utópico sobre o futuro.

Sua prosa afiada, porém, foi desafiada em um momento bastante interessante, quando da escrita do livro *Neurose do Medo*, ocasião em que também se começa a pensar no homem por trás do escritor Nascimento Moraes. Nele, aparece em alguns momentos episódios de um escritor muito mais ponderado, eufemizando a verdade, escolhendo a melhor forma de

contar, às vezes mostrando medo também do autor, como o título do livro sugere. O livro é uma crítica política sobre o período de sucessão de Urbano Santos, que deixou o Governo do Estado e foi substituído pelo seu segundo vice-governador, Raul Machado. O governo de Raul Machado é colocado como uma desilusão, autoritário, sem princípios definidos, sem objetivos, sem metas superiores à coletividade e sem força política, “prisioneiro de seus próprios defeitos educacionais”, impondo sua força por meio de truculência e brutalidade, e cercando-se de homens incompetentes (MORAES, 1982, p. 56).

Entre sua falta de apoio popular e uma série de medidas atabalhoadas, Raul Machado foi deposto do cargo pelo capitão exonerado do posto de Delegado da Polícia da capital em parceria com o Corpo Militar. No entanto, o exército recebeu ordem do governo federal para repor o governador deposto e assim o fez. “Começou-se, então, a desenrolar-se a alta comédia do medo, escrita em capítulos singulares pelos exploradores da situação”. Ao prometer anistia aos seus opositores, o governador voltou atrás e começou a defender-se de tudo e de todos com medo de uma nova deposição (MORAES, 1982, p. 70).

Moraes narra que o governador se cercou de uma guarda de mercenários e criou um tenebroso círculo de pavor sentido por toda a população. Sabendo do serviço de patrulhamento e espionagem do governo, as pessoas da população criaram mecanismos para aumentar o medo do governador. O governo, por sua vez, usava de todas as estratégias para assegurar seu mandato, contratando, inclusive, capangas. Um desses capangas foi José Carlos da Cunha, juiz municipal de São Vicente de Férrer, que, por fuxicos, foi se intrigar justamente com o professor Nascimento Moraes, jurando-o de morte ou de surra. Depois de desfeita a desavença, Moraes foi obrigado a escrever um artigo se retratando e encerrando a querela, o que contrastava com a sua personalidade de pessoa pública até então, pois ele teve que omitir fatos de seu poder de escrita a fim de não melindrar a corte de Raul Machado, deixando-o completamente isento da história. Pela primeira vez, é perceptível o medo que Nascimento sentiu ao manipular a pena, o medo da morte iminente.

Por sua vez, José Carlos tornou-se guarda pessoal de Raul Machado, que até quis nomeá-lo delegado de polícia, projetando-o como autoridade máxima do cenário maranhense, a ponto de um descontrole e de ser temido até por quem o nomeou, sendo morto por um juiz de direito de quem era adversário declarado. Moraes delinea o estado da política da época, que seguiu com a quebra das tabuletas dos jornais, a censura à imprensa e outras cenas de

desrespeito à ordem pública, tornando aquele governo insustentável ao ponto de cair definitivamente. Em sua visão, o governo de Raul Machado não foi capaz de se conectar ao povo, apenas atendendo aos seus próprios interesses.

Neurose do Medo é um relato histórico e de bastidores desse período da história do Maranhão, escrito por quem foi testemunha ocular de muitas cenas a partir de uma visão privilegiada, a de jornalista.

4 POR UMA LITERATURA AFRO-MARANHENSE

No entanto, a obra-prima de Nascimento Moraes trata-se do romance *Vencidos e Degenerados*, primeiramente publicado em 1915. É uma obra muito estudada pela crítica e historiografia literária pelas representações que constrói acerca da sociedade maranhense do século XX, por isso tem-se construído acerca dela uma fortuna crítica bastante contundente.

Martins (2006, p. 160) pontua que se não fosse sua intensa atividade jornalística, sua produção literária teria sido mais ampla e melhor definida, visto que *Vencidos...* é o único romance do autor. No entanto, ressalta que, como romancista de filiação naturalista, “legou um obra matizada pelas amarras do insulamento e pelas garras tentaculares de atavismo deliberado”, tendo como temática recorrente o Maranhão e seus problemas, sintetizado no seu romance-crônica. O livro é

[...] uma radiografia, aliás uma ressonância magnética de cunho sociológico do cotidiano provinciano no contexto sequente à Abolição da Escravatura e da Proclamação da República. A precisão com que o autor registrou os processos em curso naquela sociedade ciosa de tradições herdadas de tempos de fausto, alicerçados pela subsunção do cativo negróide, remeteu sua obra ao patamar dedicado a *O Mulato*, de Aluísio Azevedo (MARTINS, 2006, p. 161).

Enriquecendo o debate, Araújo (2011) diz que *Vencidos...* surge no cenário literário maranhense como reclamação: a queixa da inércia, dos vícios e maus costumes dos habitantes da cidade e a reivindicação do lugar de intelectual que cabe a ele e aos seus pares. A São Luís do livro é uma cidade de negros na virada do século XIX para o XX, e, além de negra, também é uma cidade que quer ser literária. Junto a essa aspiração, está a imagem real da cidade, que é decadente, preconceituosa e que influencia o destino das personagens: estes vencidos em uma cidade degenerada, que também não lhes conferia cidadania plena, principalmente aos recém-

libertos. Estes, mesmo estando livres, estavam vivendo situações de exclusão do tempo do cativo, mesmo aqueles que conseguem distinção social ou intelectual.

Por sua vez, Carreira (2015), com um estudo a partir da análise do discurso, considera que a obra surge como uma cena genérica, ou seja, surge da necessidade social de narrativizar a realidade e apresentar características histórico-sociais, a partir das quais discursivamente o testemunho se estabelece, sem, contudo, ser um romance de testemunho, ou seja, o nível testemunhal e documental só se dá parotopicamente (por deslocamento) e aciona o discurso da negritude como atitude discursiva atemporal. Trata-se, então, de uma marca discursiva e um posicionamento enunciativo que traz um discurso de resistência do negro.

Essas argumentações vão ao encontro do pensamento de Barros (2011), que sugere que Nascimento Moraes pertencia a um terceiro grupo de pensadores que negava a superioridade da “raça branca” em relação às outras raças. Em meio a apropriação dos intelectuais brasileiros de uma série de teorias raciais que defendiam a prevalência da branquitude na sociedade brasileira do início do século XX, Moraes se apresentava como uma voz dissonante que discutia, pelo menos em nível regional, tais questões, principalmente em *Vencidos e Degenerados*. Nessa perspectiva, alertava para o caráter excludente da República brasileira e a não inserção dos negros na sociedade, refutando, por conseguinte, a apologia à imigração europeia como saída para a reconstrução do Brasil. Por isso, seus textos eram portadores de propostas políticas alternativas ao discurso excludente dos teóricos racistas daquele período.

Nessa esteira, Araújo (2020) salienta que Moraes, em *Vencidos e Degenerados*, problematiza a violência e a exploração contra a população negra antes e depois da escravidão, tornando sua escrita um ato político que se coloca contra a ordem colonial, o imperialismo e o racismo. A escrita de Moraes se configura como uma voz destemida de resistência, que rompe com barreiras sociais para imprimir o compromisso com a causa negra a partir de uma literatura negra.

As análises são representativas no sentido de mostrar todo o potencial literário da obra de Moraes, o qual motiva uma série de interpretações e objetos de investigação ao longo de sua existência. A obra de Moraes tem um cunho realista em que o artista atua como mediador, no sentido de que as realidades sociais não são refletidas diretamente na obra, mas são retratadas pelo seu autor, operando como um método e uma postura, ou seja, uma acuidade empreendida

na representação e no compromisso de descrever eventos reais, com a finalidade, inclusive, de uma intenção política (PELLEGRINI, 2007). Assim, Moraes opera uma mimesis, que é mais representação que imitação, pois é um texto que quer se mostrar desde o título como crônica maranhense, levando-nos a refletir sobre uma condição e propondo também uma nova história acerca do Maranhão.

A trama atua com datas históricas que delimitam seu início e fim. O Dia da Abolição da Escravatura, em 13 de maio de 1888, às oito horas da manhã, e a Proclamação da República, em 15 de novembro de 1900 (comemoração de aniversário), se passam em São Luís, capital maranhense. A escolha dessas duas datas é simbólica e permite estabelecer entre elas uma relação de causalidade, porém com uma quebra de expectativa em relação aos tons das duas comemorações, pois, enquanto a festa da abolição é uma festa popular, uma festa alegre, uma festa dos pobres e oprimidos, dos negros, uma festa de esperança, a festa da República era apenas uma solenidade, uma festa do corpo burocrático de Estado, uma festa elitista, uma festa de frustração do povo que ali se manifestava com insultos àqueles ares que eram republicanos, mas não democráticos.

Essas cenas mostram como esses eventos foram significativos para o imaginário social da época e como essas mudanças significativas do cenário político impactaram nas subjetividades das pessoas, que criaram uma grande expectativa com a abolição e a república proclamada, mas que não sentiram a mudança, de fato, acontecendo no seu modo de vida. Isso, ao longo da narrativa de Moraes, vai ficar mais latente.

Conforme Cardoso (2013), o intelectual figura no romance como homem político, aparecendo sempre como mediador das relações e lutando em prol da sociedade. De fato, os personagens principais da trama são intelectuais, pois apresentam lutas muito parecidas do próprio autor, cuja principal é a dificuldade que é ser e se manter um intelectual no início do século XX, principalmente sendo negro. Moraes esboça um modelo ideal a partir das palavras de João Olivier na construção da formação de seu filho:

Eu estou criando um homem de luta. Para trabalhar com vigor em benefício de sua raça, é o que eu estou preparando. Um homem que tenha alguma coisa de leão é o que eu estou preparando. Instruo um cérebro e educo um coração. Cérebro que pense nos altos problemas de sua terra e de seu povo, coração que saiba amar e odiar, amar o bom e odiar o mau[...].
Quero Cláudio um homem destemido, e não um bacharel qualquer. Forrado para resistir insultos, pulso rigoroso para esmagar preconceitos [...]. (MORAES, 1968, p. 39).

Por ser seu único romance escrito nos primeiros anos de carreira literária, não se pode negar o caráter autobiográfico de suas personagens e a sua preocupação de falar das coisas do Maranhão no que concerne à política, economia, cultura e cotidiano, mostrando-se em confluência com o seu tempo e contexto de produção.

O que Nascimento Moraes vê de mais poderoso e conflituoso na São Luís que ele constrói é a sua negritude, com suas lutas, sua força, seus dilemas, com uma literatura que tem as cores, as formas e os sabores do Maranhão. Ao pintar o Maranhão de preto, Moraes fratura uma aura europeia ou ateniense que foi construída ao longo do século XIX, problematizando a própria terra maranhense como propícia à construção de uma intelectualidade, pois todos os personagens intelectuais do livro estão vencidos, tendo que buscar a sobrevivência fora do Maranhão. Assim, Moraes constrói um maranhense menos ateniense e mais afrodescendente por meio de uma literatura que se mostra negra desde o primeiro parágrafo até o último.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Não seria demais afirmar que, ao longo de sua vida, Moraes sempre se dedicou à defesa dos princípios éticos e morais, da Justiça e do Direito como elementos basilares para a construção de uma civilização.

Todavia, não só de assuntos sérios e existenciais se ocupava o escritor. Quando se travestia de João Ninguém, ele também se ocupava em narrar casos engraçados, com personagens pitorescos, que mostravam um jornalista muito versátil. Enfim, Nascimento Moraes não desperdiçava palavra: transitava, com sua escrita, do cotidiano da cidade à política nacional, dos ditados populares às máximas de filósofos renomados. Discutia Geografia, Matemática e, principalmente, Gramática, usando o jornalismo para educar o povo em busca de uma transformação da realidade. À medida que a realidade o transformava, ele também transformava a realidade a cada dia.

Sua escrita combativa construiu uma obra que tem o Maranhão como cenário e tema no que concerne à sua parcela mais oprimida, os vencidos e degenerados, os negros, os excluídos e perdidos diante daquela sociedade erigida como republicana, mas que não conferia cidadania a todos. Tanto a sua escrita jornalística quanto a literária estiveram a serviço não somente da fruição estética, da catarse, do deleite, ou, simplesmente, da informação, mas

alimentavam a luta contra o racismo e as injustiças sociais que se faziam presentes no início do século XX.

A partir de um ponto de vista crítico, *Vencidos e Degenrados* é uma obra polifônica que funciona contra discursos hegemônicos de construção de identidades e mitos maranhenses, posicionando São Luís como uma cidade negra, diante de uma sociedade excludente, fruto de um trabalho literário afroidentificado. Por uma literatura afro-maranhense, salve Nascimento Moraes!

REFERÊNCIAS

ARAÚJO, Adriana Gama. **Em nome da cidade vencida: a São Luís republicana na obra de José do Nascimento Moraes (1889-1920)**. 2011. 135 f. Dissertação (Mestrado em História) – Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 2011.

ARAÚJO, Ana Carusa Pires. Nascimento Moraes: biografia, jornalismo e narrativa literária. Literafro. **Literafro**, Belo Horizonte, 14 dez. 2020. Disponível em: <http://www.letras.ufmg.br/literafro/artigos/artigos-teorico-criticos/1397-ana-carusa-pires-araujo-nascimento-moraes-biografia-jornalismo-e-narrativa-literaria>. Acesso em: 9 ago. 2022.

BARROS, Rafael Henrique Silva. **A questão racial em José Nascimento Moraes no contexto da Primeira República (1889-1930)**. 2011. Monografia (Graduação em História) – Universidade Federal do Maranhão, São Luís, 2011.

CARDOSO, Patricia Raquel Lobato Durans. **Lobo X Nascimento na “Nova Atenas”**: literatura, história e polêmicas dos intelectuais maranhenses na Primeira República. 2013. 176 f. Dissertação (Mestrado em História) – Universidade Federal do Maranhão, São Luís, 2013.

CARREIRA, Rosângela Aparecida Ribeiro. **A paratopia testemunho documental e o discurso da negritude em vencidos e degenerados**. 2015. 250 f. Tese (Doutorado em Língua Portuguesa) – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2015.

GALLIZA, G. Intervenção pacífica. **Pacotilha**, São Luís, ano 30, n. 178, p. 2, 30 jul. 1910.

LACROIX, Maria de Lourdes Lauande. **A fundação francesa de São Luís e seus mitos**. São Luís: Uema, 2008.

LOBO, Antonio. **Os novos atenienses**. 3. ed. São Luís: AML/Eduema, 2008.

MARTINS, Manoel. **Operários da saudade: os novos atenienses e a invenção do Maranhão**. São Luís: Edufma, 2006.

MORAES, Jomar. **Apontamentos de literatura maranhense**. 2. ed. São Luís: Sioge, 1977.

MORAES, Nascimento. Literatura. **A Imprensa**, São Luís, ano 1, n. 24, p. 2, 11 ago. 1906.

MORAES, Nascimento. **Neurose do medo e 100 artigos**. São Luís: Secma/Civilização Brasileira, 1982.

MORAES, Nascimento. **Puxos e repuxos**. São Luís: Typographia do Jornal dos Artistas, 1910.

MORAES, Nascimento. Rimas, sofismas e filosofias. **A Campanha**, São Luís, ano 2, n. 132, p. 1, 22 jul. 1903.

MORAES, Nascimento. **Vencidos e degenerados**. 2. ed. São Luís: Edições Nascimento Moraes, 1968.

PELLEGRINI, Tânia. Realismo: postura e método. **Letras de Hoje**, Porto Alegre, v. 42, n. 4, p. 137-155, dez. 2007.